

Emílio ou Da Educação: Considerações sobre o Livro I¹

Mayara Maciel dos Santos

Sandro Rinaldi Feliciano

Introdução

O presente artigo busca apresentar as principais ideias presentes no primeiro livro da obra Emílio ou Da Educação, de Jean-Jacques Rousseau, a respeito do que ele chama de “a idade da necessidade”, que trata do ensino desde o nascimento de Emílio até seus 2 anos de idade.

Rousseau refere-se, ao longo desse livro, mais às crianças em geral do que especificamente ao seu personagem, Emílio. Ele traça um panorama de quais são as bases da educação desse personagem e quais os seus conceitos e objetivos em relação a ele, sempre reforçando sua máxima de que os homens são naturalmente bons e só se degeneram se não puderem ser educados corretamente.

Nessa primeira fase descrita no livro, o autor se preocupa, entre outros pontos, com a amamentação e com a escolha de uma ama sadia de corpo e também de alma, para que o leite seja bom, natural e forte. Afirma que a educação ideal do personagem deveria ser dada pela ama (ou por quem o amamente) e pelo pai ou preceptor, estando os dois em completo acordo, representando para a criança uma só pessoa. Devemos sempre respeitar as naturezas física, psíquica e emocional dessa criança .

Emílio ou Da Educação: Livro Um

Jean-Jacques Rousseau, ao começar seu tratado sobre a educação com a frase “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre a mão dos homens”

¹ Este artigo foi publicado no livro:
“Docência processo do aprender e do ensinar, volume 5” páginas 61 a 76
ISBN: 978-65-5869-160-0 [Impresso]
978-65-5869-159-4 [Digital]

(ROUSSEAU, 2014, p. 7), mostra que a principal meta de educação é formar um agente livre, a partir daquilo que já existe em cada homem. O mesmo afirmou também: “Moldam-se as plantas pela cultura e os homens pela educação.” (ROUSSEAU, 2014, p. 8).

A tarefa de cultivar a ordem natural e formar o homem conforme as características da natureza se inicia com o nascimento e se estende por toda a vida. Para Rousseau, a família — principalmente os pais — tem a responsabilidade de conduzir esse momento inicial de contato com a natureza. Para isso bastaria observar as regras da natureza e o caminho que ela indica. Rousseau diz ainda que a dor, os primeiros dentes, o enrijecimento dos músculos, as necessidades mais vitais, as mudanças climáticas e outros recursos naturais proporcionam o desenvolvimento das sensações como o primeiro material de conhecimento.

Objetivo da Educação

Educar faz parte da vida, pois sempre se aprendeu e sempre se ensinou. Isso faz parte da natureza de qualquer ser vivo. Rousseau acreditava que aquele que fosse educado atendendo a natureza, buscando seus valores dentro do próprio homem (e não fora desse), visando a “constituição de um novo homem” (MARTINS, 2011, p. 56), seria capaz de reformar uma sociedade degenerada e corrupta.

Danilo Streck diz: “Essa compreensão da pessoa e da educação implica colocar a criança e o educando como centro do processo de aprendizagem.” (STRECK, 2008, p. 23). Essa questão é muito importante, visto que muda a posição do educador, que agora precisará entender seu educando e não apenas lhe passar conteúdos.

Rousseau dizia que a educação do homem começava com seu nascimento, pois, desde que nasce, esse pequeno ser já é afetado pelo ambiente e também pelos que estão ao seu redor. Segundo seus escritos, “repito, a educação do homem começa o nascimento; antes de falar, antes de ouvir, já ele se instrui. A experiência antecipa as lições; no momento em que conhece sua ama de leite já descobriu muitas coisas.” (ROUSSEAU, 2014, p. 48).

Rousseau define um lugar e um papel exclusivo para a educação, informando que a primeira educação é a mais importante e que cabe — incontestavelmente — às mulheres e também ao pai: “Os pais são os primeiros educadores. É com eles que o indivíduo afirma seu contrato pedagógico.” (MARTINS, 2011, p. 55).

Ao pensar a educação nessa fase da vida, Rousseau nos lembra que os pais são extremamente importantes. Como primeiros educadores de um novo ser, eles têm

responsabilidades sobre toda a vida desse novo indivíduo, e é deles a tarefa de conseguir educá-lo em harmonia com a natureza, para que a reforma possa ser feita. O homem natural se caracteriza pela sua independência em relação aos outros: “Ele é tudo para si mesmo.” (ROUSSEAU, 2014, p. 11).

Rousseau divide a educação em três modos: a Educação da Natureza, que é o desenvolvimento das faculdades e órgãos; a Educação dos Homens, que se refere ao uso das faculdades desenvolvidas pela natureza; e a Educação das Coisas, que é aprendida com a experiência.

Ora, dessas três educações diferentes, a da natureza não depende de nós, a das coisas, só em certos pontos depende. A dos homens é a única de que somos realmente senhores e, mesmo assim, só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que cercam uma criança? (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

A Educação da Natureza seria uma forma de hábito (pois não existem hábitos adquiridos apenas pela força), que busca atingir uma meta, meta essa que é a natureza (ou o próprio hábito).

A Educação das Coisas nos mostra outro traço do pensamento de Rousseau. Ao tratar desse modo de educação o autor expõe uma das primeiras ideias de um educando que tenha interpretações próprias dos fatos vivenciados — o que ele não conseguiria pelo olhar de um historiador, por exemplo — ao colocar a experiência como parte fundamental de sua autonomia.

Rousseau, ao mostrar essas três formas de educação, nos diz que elas não podem ser separadas e que é necessário buscar uma sintonia entre as três, sempre lembrando que, por melhores que sejam as formas de educação, a sociedade, no final, pode acabar corrompida.

Para Rousseau, “a educação é uma arte” (ROUSSEAU, 2014, p. 28) e, por isso, “é quase impossível que ela tenha êxito, já que o concurso necessário a seu sucesso não depende de ninguém”. Então, “tudo o que podemos fazer à custa de esforços é nos aproximar mais ou menos do alvo, mas é preciso sorte para atingi-lo.” (ROUSSEAU, 2014, p. 28). Apesar de o autor afirmar que o sucesso da educação não depende de ninguém, ele não exime os homens da responsabilidade de educar as crianças. Ao contrário, isso fica evidente ao distinguir os três tipos de educação, especialmente quando se refere à educação dos homens. É nessa fase que são erguidas as bases para a constituição de um ser humano.

O autor ainda afirma que nascemos sensíveis e somos afetados pelos objetos que nos cercam, molestados pelo mundo exterior, e aponta para nós uma questão: como deve ser a educação? Seria ela para os outros homens? Seria para si mesmo? Ou não existe resposta, uma vez que os três tipos de educação são “opostos” e complementares?

O autor segue no texto com uma nova diferenciação entre duas formas de educação e faz ainda uma crítica à educação de seu tempo: a pública (comum) e a particular (doméstica). A educação pública (os educandários) ele chama de ridícula, que forma homens de duas caras, e critica o uso de métodos preestabelecidos. Trazendo para o lado da educação particular, o autor afirma que essa forma de educação elimina contradições e obstáculos à felicidade. Por outro lado, diz que uma educação só é útil se conciliar carreira e vocação, e que a única vocação do homem é ser homem: “Aquele de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem-educado.” (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

Rousseau ressalta que a forma de educação pública e comum é oposta à forma de educação particular e doméstica. A escola, por sua vez, através de seus diferentes espaços (salas de aula, refeitórios, pátios), é um local onde diferentes crianças com educação particular e doméstica se encontram e também onde ocorre a educação pública e comum. O autor ainda critica os instrumentos usados para educar, entre eles a rivalidade, os ciúmes, a inveja, a vaidade, a avidez e o temor vil. Para ele:

Ao tentar convencer vossos alunos sobre o dever de obediência, juntais a essa pretensa persuasão a força e as ameaças, ou, que é pior, a adulação e as promessas. Assim, atraídos pelo interesse ou obrigados pela força, eles fingem ser convencidos pela razão. (ROUSSEAU, 2014, p. 51).

Deve-se, para Rousseau, compreender que a atuação da natureza é aquela sob a qual não se pode exercer influência alguma, e que a meta a ser perseguida na educação não deveria ser outra além da meta da própria natureza. A ele preocupa defender, então, seus movimentos para chegarmos perto da finalidade projetada, entendendo que a educação se estabelece como arte e que o objetivo maior dificilmente pode ser adquirido em termos absolutos. A educação é uma tarefa impossível (como forma de arte e não de ciência), cujo êxito total é improvável.

Estudo da Condição Humana

Para o autor a base deve ser de menos preceitos e mais exercícios. Leva em conta ainda que educação, instrução e instituição são coisas diferentes. A melhor forma de educação deve ter sempre em vista a utilidade prática dos ensinamentos e, por isso, antes de lições retóricas que a criança pouco entende, é necessário basear a educação em exercícios práticos, como os exemplos do próprio educador. Assim, o aluno deve ser um homem abstrato, genérico e exposto (não forçado) a todos os acidentes da vida. Não é necessário ensinar as crianças a suportarem as dificuldades, mas sim exercitá-las a sentir e lidar com as mesmas, pois a vida, antes de ser medida em tempo, é medida em experiências.

“O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conserva sua figura humana, está acorrentado a nossas instituições.” (ROUSSEAU, 2014, p. 9). Um exemplo utilizado por Rousseau é o de que, na primeira infância, seria um absurdo o uso de faixas e cueiros para amarrar as crianças, de forma a impedir-lhes os movimentos naturais. Critica o método por ser apenas uma forma de poupar trabalho, que pode até atrapalhar a circulação sanguínea. Usa como comparação os animais, que jamais são presos da mesma forma que o homem, e, com isso, argumenta que uma criança dificilmente se machucaria se fosse deixada livre.

A verdadeira ama é a mãe

Não deveriam existir amas. Segundo o autor, “se as mães se dignarem a amamentar seus filhos, os costumes reformar-se-ão por si mesmos, e os sentimentos de natureza despertarão em todos os corações.” (ROUSSEAU, 2014, p. 22).

Rousseau também critica o uso de mais de uma ama, que gera filhos desnaturados quando separados da mesma, e que as mães deveriam amamentar seus próprios filhos — questão sobre a qual tem razão, considerando que existem estudos que corroboram essa posição.

Atualmente, tanto na Nutrição quanto na Psicologia, todos dizem que o aleitamento é fundamental. Um dos argumentos é o seguinte:

O leite materno é a primeira alimentação que o bebê deve receber ao nascer, sendo rico em nutrientes essenciais. A composição do leite materno varia de mãe para mãe, podendo variar de acordo com a etnia, individualidade genética, hábitos alimentares da lactante, entre mulheres e o período de

amamentação. Observa-se também uma variação na composição nutricional do leite no decorrer da lactação, durante o dia e até mesmo durante uma mesma mamada, encontrando-se diferença entre macro e micronutrientes entre o primeiro e último leite a sair na mesma mamada. (OLIVEIRA, CASTRO e LESSA, 2008).

Rousseau diz que a natureza tem uma rota que ensina as crianças com provas de todas as espécies, e também que a vida é sofrimento e dor. Devido a essa lapidação, com o passar da idade, uma criança vai ficando mais preciosa. No entanto, quanto à separação da ama, o autor afirma que uma dor física é suportável, mas uma dor da alma não, uma vez que a separação de sua ama tornaria uma criança mais agressiva e ainda faltaria apoio emocional para seu crescimento saudável.

Ao nascer, a criança grita; passa sua primeira infância chorando. O autor retoma, então, um problema, que é o fato da criança chorar. Rousseau nos diz que é necessário muita atenção, pois a criança pode criar “necessidades artificiais” (MARTINS, 2011, p. 68), que conduzem a uma forma de controle de império ou de servidão — ou seja, a criança só recebe ou dá ordens, sem meio termo. Nesse contexto cabe ao educador identificar apenas essas necessidades naturais: “Assim suas primeiras ideias são de Domínio e de Servidão, antes de saber falar ela dá ordens, antes de poder agir ela obedece e, às vezes castigam-na antes que possa conhecer seus erros, ou melhor, cometê-los.” (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

O verdadeiro preceptor é o pai

Após uma abordagem sobre o papel da mãe, Rousseau discute o papel do pai na primeira infância, considerando-o como o verdadeiro preceptor e acrescentando que é melhor um pai limitado do que nenhum. O autor traz que “um pai, quando gera e sustenta os filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado.” (ROUSSEAU, 2014, p. 27).

Assim o autor diz que entre as qualidades de um bom preceptor (que não fosse o pai) está não ser um homem venal, já que “há ofícios tão nobres que ninguém pode fazê-los por dinheiro sem se mostrar digno de fazê-los, é o caso do soldado e também do preceptor.” (ROUSSEAU, 2014, p. 28).

Rousseau começa, então, a definir a criança que ele gostaria de ter como aluno exclusivo, a qual nomeou Emílio, dizendo que uma das vantagens de ser preceptor é poder escolher o seu “filho”, o que não acontece no caso de um pai. O autor diz ainda:

Não quero saber de um aluno sempre inútil a si mesmo e aos outros, que só se ocupe com se conservar e cujo corpo prejudique a educação da alma [...] não sei ensinar a viver a quem não pensa senão em não morrer. (ROUSSEAU, 2014, p. 27).

Aqui entram algumas perguntas às quais ainda não temos respostas: como ser educado por quem não foi corretamente educado? Qual é a educação correta? Ser capaz de ensinar é suficiente?

Perfil Emílio

A partir desse ponto o autor começa a descrever como seria sua situação com Emílio e com qualquer preceptor de um aluno. Diz que o preceptor deve ser jovem (para poder acompanhar seu tutelado), exclusivo àquele aluno, passar um só conhecimento (os deveres do homem) e guiar mais que instruir. Também afirma que esse preceptor deve ser escolhido antes de nascer e proveniente de zona temperada — devido aos pobres não precisarem de educação e a ser mais fácil um rico virar pobre e precisar lidar com isso do que um pobre virar rico.

Emílio é um menino órfão, robusto e sadio fisicamente, nos campos, longe dos costumes da cidade, e é acompanhado por um preceptor desde seu nascimento até os 25 anos. Pelas próprias palavras de Rousseau, “Emílio é órfão. Não importa que tenha pai e mãe”. Um pouco depois diz, “[...] uma criança bem formada, vigorosa, sadia.” (ROUSSEAU, 2014, p. 33).

A criança será acompanhada por um preceptor desde seu nascimento até a idade de 25 anos. Para Rousseau é indispensável que esse personagem tenha um corpo sadio, pois dele dependerá o crescimento e o fortalecimento da alma da criança: “Quanto mais fraco o corpo, mais ele comanda; quanto mais forte, mais obedece.” (ROUSSEAU, 2014, p. 34).

O aluno é escolhido antes de nascer — por ser rico, precisa apenas de um bom preceptor e uma boa ama de leite. O pobre não precisa de educação.

A ação inicial do preceptor, já que seu papel é o de dirigir o educando, será alcançada com o trabalho permanente junto a Emílio, o menino de referência, no seu percurso de desenvolvimento e crescimento. Esse último, aprovando a ideia de estabelecer acordos com seu mestre, aceitará a presença desse mestre como natureza no seu cotidiano, ciente de que desejará para ele o que essa natureza desejar. Rousseau compreende, enfim, que o sucesso dessa empreitada é dependente desse acordo mútuo e está vinculado a esse convênio selado entre os dois.

São fixados alguns preceitos ou regras que deveriam ser seguidos por esses alunos, e um deles é o de obedecer cegamente ao tutor. Esse aluno não terá necessidade de ir a médicos, a menos que esteja em risco de morte evidente. Rousseau achava que a medicina da época era o divertimento das pessoas ociosas, porém achava muito importante a higiene, chamando-a de virtude. Também acreditava que a temperança e os trabalhos eram os verdadeiros médicos.

A ama de Emílio

“Com a vida começam as necessidades” (ROUSSEAU, 2014, p. 33) — e com essa frase Rousseau começa a vislumbrar a ama ideal para o seu Emílio, que pode até ser sua própria mãe, desde que siga tudo o que o preceptor ordenar, tendo em mente que tudo que a mãe fizer será melhor do que o que faz uma ama diferente. No caso de uma ama diferente, Rousseau diz que deve ser uma boa escolha considerar a idade do leite e o respeito à idade do bebê, ou seja, que seja uma ama que tenha dado à luz e que siga com esse aluno até o fim do ciclo de amamentação.

Ele ainda recomenda que não deve haver uma mudança radical no estilo de vida de uma camponesa, por exemplo, pois isso pode ser prejudicial tanto à sua saúde quanto a de seu bebê. Se a camponesa é retirada de seu lar para ficar apenas com seu bebê em um quarto da cidade grande, essa troca de ar prejudica a criança da mesma forma.

Deixar sentir o ar e se mexer à vontade: desde seu nascimento a criança não deve utilizar nada que a aperte e que não a deixe sentir o ar. Ela necessita de um grande berço, onde possa se movimentar sem se machucar, e, quando estiver um pouco maior, deve poder engatinhar livremente.

Rousseau diz que:

É sobretudo nos primeiros anos de vida que o ar age sobre a constituição das crianças. Em uma pele delicada e mole, ele penetra por todos os poros, afeta poderosamente esses corpos nascentes, deixa neles marcas indeléveis. Assim, eu não concordaria que se tirasse uma camponesa de sua aldeia para fechá-la num quarto da cidade e fazer que amamentasse a criança em casa; prefiro que a criança vá respirar o bom ar do campo a respirar o mau ar da cidade. (ROUSSEAU, 2014, p. 43).

Completa, então, afirmando: “A criança já é discípulo da natureza.”

Nascemos capazes de aprender, mas sem nada saber e nada conhecendo. Acorrentados a órgãos imperfeitos e semiformados, a alma não tem nem mesmo sentimento de sua própria existência. Os movimentos, os gritos da que acaba de nascer são efeitos puramente mecânicos, carentes de conhecimento e de vontade.” (ROUSSEAU, 2014, p. 46).

Alguém nascido adulto, segundo o autor, seria um autômato, descontrolado — só teria consciência de si mesmo e não saberia atender às suas próprias necessidades.

Antes de falar, antes de entender, ele já se instrui

A educação na primeira infância deve ser movida pelos sentidos, devendo-se afastar tudo aquilo que impeça o educando de trilhar seu próprio caminho.

Sobre a maneira como a criança chora, Rousseau escreve:

Como todas as suas sensações são afetivas, quando são agradáveis elas desfrutam-nas em silêncio; quando penosas, elas o dizem em sua linguagem e pedem algum alívio. [...] Todas as nossas línguas são frutos da arte. [...] Essa língua não é articulada, mas é acentuada, sonora, inteligível. (ROUSSEAU, 2014, p. 44).

Para ele, ao estudarmos as crianças estamos, na verdade, reaprendendo com elas. E os nossos mestres nessa questão são as amas, pois elas entendem tudo o que seu bebê diz, seja

por meio de gestos e expressões corporais, seja pelo grito e pelo choro. Ele assinala que a linguagem da voz une-se a do gesto, principalmente o gesto facial.

Rousseau comenta também que a criança sente muitas necessidades e que essas são expressas por meio do choro, do riso e das expressões corporais, já que não dominam a palavra. Ele se preocupa com o tratamento que as amas dão aos bebês por não saberem como atender ao choro, tornando-se brutais e rípidas, por vezes até agredindo as crianças, sem saber o real motivo do choro. Rousseau diz que isso faz com que as crianças fiquem magoadas, porém diz também que os primeiros choros são pedidos e, se não tomarmos cuidado, se transformam em ordens: “Afastai delas com o maior cuidado os criados que as provocam, irritam, as impacientam, pois são cem vezes mais perigosos para elas do que os danos do ar e das estações.” (ROUSSEAU, 2014, p. 55).

O preceptor deve mostrar todas as formas e estilos de objetos, animais, figuras, brinquedos, máscaras, entre outros, sejam esses feios ou bonitos, para que a criança se acostume com a variedade e não desenvolva temor ou repulsa ao que lhe pareça estranho. No início da vida a criança só presta atenção àquilo que afeta seus sentidos, portanto é ideal que seja exposta a barulhos e ruídos de armas para uma sensibilização e habituação gradual.

Rousseau também considera outros dois fatores determinantes para o desenvolvimento da criança: a sensação e o movimento. Sobre esse assunto afirma que:

No início da vida, quando a memória e a imaginação estão inativas, a criança só presta atenção àquilo que afeta seus sentidos no momento; sendo suas sensações os primeiros materiais de seus conhecimentos, oferecê-las numa ordem conveniente é preparar sua memória para um dia apresentá-las na mesma ordem a seu entendimento. Como porém a criança só presta atenção às suas sensações, basta inicialmente mostrar-lhe bem distinta a ligação dessas mesmas sensações com os objetos que as causam. (ROUSSEAU, 2014, p. 51).

Criticando a educação da época, afirma Rousseau que “os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem.” (ROUSSEAU, 2014, p. 4).

Dessa forma a obra rompe com concepções que tratavam a criança como um adulto em miniatura, exigindo-lhes os mesmos comportamentos dos adultos e sem considerar seu desenvolvimento, seus interesses e necessidades.

Quanto à linguagem, Rousseau afirma que, nessa fase, ela é um processo de construção própria, no qual a criança inicia com uma gramática de sua idade, cuja sintaxe tem regras mais gerais que a dos adultos. O que importa mais para a criança nessa idade é aprender a escutar corretamente as palavras, sem outra preocupação a princípio. Cabe ao adulto, então, falar sempre corretamente diante das crianças, sem repreendê-las.

Durante o texto, ao trazer à tona várias tensões existentes entre as necessidades da criança e o cuidado que essa merece, o autor nos traz quatro máximas:

Primeira máxima — facultar-lhes os empregos de todas as forças que lhe dá e de que não poderiam abusar;

Segunda máxima — é preciso ajudá-las e suprir o que lhes falta, quer em inteligência, quer em força, em tudo o que diz respeito à necessidade física;

Terceira máxima — nos auxílios que lhes prestamos, devemos limitar-nos unicamente ao realmente útil, sem nada conceber à fantasia ou ao desejo irrazoável, pois a fantasia não as atormentará enquanto não se fizer nascer, dado que ela não pertence a natureza;

Quarta máxima — é preciso estudar com atenção sua linguagem e seus sinais, para que, numa idade que elas não sabem fingir, distingamos em seus desejos o que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião. (ROUSSEAU, 2014, p. 59).

Maurício Rabelo, ao fazer esses apontamentos, nos diz que “com essas máximas, Rousseau parece esclarecer que o papel do educador é não atrapalhar o desenvolvimento natural da criança. O objetivo é fazer com que as crianças aprendam a fazer as coisas mais por si mesmas e menos com a ajuda dos outros.” (MARTINS, 2011, p. 69).

Por fim Rousseau coloca as seguintes questões como base: liberdade verdadeira; cuidados básicos (quedas e autoferimentos); não dar atenção ou distraí-las com algo agradável, sem que as mesmas percebam; não utilizar bugigangas, mas coisas simples e naturais; não apressar a criança a falar; ensiná-las a falar como se estivessem no campo, pois, à distância, as palavras precisam ser mais bem articuladas para serem aprendidas.

Mauricio Rabelo nos diz ainda:

Todo o projeto de educação na primeira infância se desdobra em dois grandes princípios: primeiro devemos ajudar as crianças e satisfazer suas necessidades naturais e a desenvolver suas disposições naturais; segundo, devemos ter cuidado para não projetar ideais adultos que possam contaminar seu mundo e criar desejos artificiais. Por esse motivo a educação para a autonomia deve começar na primeira infância. (MARTINS, 2011, p. 70).

Um dos seus princípios é a permanência do ser humano no seu estado "natural" de pensar e agir, ou seja, agir e pensar por si próprio, e não pelas ideias alheias. Observemos, além disso, o que Rousseau diz sobre esse aspecto: "Para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre um, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido acerca do partido a tomar, tomá-lo com altivez e segui-lo sempre." (ROUSSEAU, 2014, p. 21).

Como um último problema da primeira infância Rousseau aponta os desenvolvimentos de falar, comer e andar ao mesmo tempo, imaginando que, se fossem aprendidos de forma separada, provavelmente o processo seria mais fácil.

Rousseau hoje: considerações finais

Atualmente as ideias de Rousseau contribuem para vários níveis da educação, sendo essa sempre entendida como um processo natural, um movimento constante na produção individual, intelectual e social do homem.

Encontramos ainda a confirmação de que praticamente todos os nossos problemas são causados por nós, seres humanos, em nossas "relações sociais". Essa confirmação nos leva a refletir sobre a premissa de que, se desejamos uma educação emancipatória, devemos rever nossos valores, a maneira como fomos educados e como educamos atualmente. Educar para a liberdade e, conseqüentemente, para uma educação crítica, consciente e humanizada, implica rever o sentido e a importância que damos a essas palavras e práticas. Esses são compromissos que todo educador comprometido com a educação pode e deve buscar também em Rousseau, pois em sua obra encontramos suporte para a educação no contexto geral — o que faz com que ele tenha realmente, no passado, escrito para o futuro (guardando suas devidas proporções).

Não é considerado "bem educado" somente aquele que tem mais acesso a informações e conhecimentos. Conforme defendido por Rousseau, aqueles que, por diferentes razões,

nunca frequentaram a escola, por exemplo, não podem ser considerados “mal educados” por esse motivo, pois a educação vai muito além da educação formal que a escola proporciona.

Rousseau, que em todo momento se apresenta contrário à educação dogmática e castradora, questiona a postura do educador frente aos dogmas transmitidos ao educando, pois, na nossa prática, essa postura é quase sempre punitiva. Quase que inconscientemente temos um compromisso firmado com a moral e a ética vigentes, e o educador de hoje se preocupa muitas vezes — e até exageradamente — em repassar aos educandos conteúdos específicos e fragmentados, e, principalmente, em cobrá-los, pois conteúdo "decorado" é tarefa cumprida. O que realmente seria essencial para a vida, necessário para que o ser humano fosse um cidadão sem limites preestabelecidos e capaz de adaptar-se a qualquer cultura respeitando o outro, está mais esquecido a cada dia. Rousseau, com o seu texto “Emílio”, diz aos educadores e aos pais, especialmente, para que ousem se ilustrar e se humanizar, pois, para resgatar seu pensamento (o qual consideramos extremamente importante ainda hoje) e para a construção de uma nova sociedade e de um novo modelo de ser humano, é preciso romper com a ordem estabelecida. Embora não pareça, a sociedade coloca muitas vezes os educadores antes dos pais como os motores para essas transformações.

Em suma Rousseau nos ajuda a compreender que a educação não é e não pode ser uma mera reprodução do que está posto na sociedade, mas a reconstrução de um saber amplo e universal, sem distinção de qualquer ordem, e em consonância com a natureza — e essa reconstrução deve começar dentro de cada um de nós.

Bibliografia

MARTINS, M. R. Educação na primeira Infância e o Papel do Educador no Livro I. In: DALBOSCO, C. A. **Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau**: o papel do educador como governante. Campinas: Alínea, 2011.

OLIVEIRA, A. A.; CASTRO, S. V.; LESSA, N. M. V. Aspectos do Aleitamento Materno. **Revista Digital de Nutrição**, v. 2, n. 2, p. 101-118, 2008.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou da Educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SIMPSON, M. **Compreender Rousseau**. Tradução de Hélio Magre Filho. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

STRECK, D. R. **Rousseau & a Educação**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Mayara Maciel dos Santos – Licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)
Falecida em 24 de julho de 2017

Sandro Rinaldi Feliciano – Bacharel em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC); Licenciado em Filosofia pela (UFABC). É professor voluntário no “Cursinho Passo à Frente” – e-mail: filososandro@gmail.com